

## **CONSTRUIR, POTENCIALIZAR E TRANSFORMAR: Educação Popular e Teatro do Oprimido como caminhos para repensar a educação na contemporaneidade**

Anna Beatriz Ramos Dias; Eduardo Jorge Lopes da Silva; Roseane Maria de Amorim; Túlio Cesar Medeiros dos Santos

Graduanda em Ciências Sociais – Licenciatura pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB)

Professor do Departamento de Fundamentos da Educação do PPGE do Centro de Educação (CE) da UFPB

Professora do Departamento de Fundamentos da Educação do PPGE do CE da Universidade Federal de Alagoas

Graduando do Curso de Pedagogia – Licenciatura pela UFPB

**Resumo:** A formação docente tem-se caracterizado, de maneira geral, como um espaço de conhecimento abstrato, sem conexão com o mundo da vida, com os problemas cotidianos. Dessa forma, este artigo tem por objetivo introduzir reflexões acerca do papel da educação na contemporaneidade para docentes da educação básica e para os professores que estão no processo de formação inicial ou atuam como educadores sociais. Inúmeros estudos mostram a necessidade de inovação nas práticas docentes da educação básica ao ensino superior e a indispensabilidade de novas posturas diante do conhecimento. Nessa direção, buscamos apontar caminhos para a atuação do docente por meio de práticas da Educação Popular e do Teatro do Oprimido para estudantes de licenciatura. A relevância desse conhecimento curricular, advinda do desenvolvimento de experiências diversas desde a educação básica ao ensino superior *faz parte de* um momento privilegiado para refletir e questionar o modelo educativo vigente diante das inúmeras transformações provocadas no sistema educacional. A formação proposta pelo projeto aos futuros profissionais da educação a vivenciarão a dialogização, a práxis pedagógica, a percepção de outras metodologias educativas permitirão novas formas para atuar na educação com pessoas das camadas populares possibilitando o fortalecimento de identidades e um aprendizado significativo.

**Palavras-chave:** Conhecimento. Educação Popular. Teatro do Oprimido. Estudos Culturais. Formação de professores.

### **Para início de conversa**

Na contemporaneidade, a formação inicial e continuada, mais uma vez, ganha ênfase nos debates educacionais. Isso se deve em parte à demanda por uma escola que atenda aos anseios da sociedade. Hoje, mais do que nunca, vivemos um tempo de mudanças rápidas, que necessita de pessoas que saibam viver em um mundo complexo e dinâmico. Contudo, existem ainda várias divergências em relação aos aspectos que essa formação deve contemplar. Nesse contexto, revela-se prioridade definir uma concepção de formação docente que tenha o potencial de oferecer condições para a interação do professor com as constantes transformações sociais, educacionais e políticas, especialmente aqueles que atuam nas redes públicas. Adotar um ensino mecânico, descontextualizado e mero transmissor de conhecimento, por certo, tem sido insuficiente.

Assim, cresce a necessidade de uma formação que desperte no educador e na educadora a necessidade de olhar e refletir criticamente sobre a própria experiência docente, de modo que seja possível aprender com ela e refazer, transformar, melhorar suas ações; conseqüentemente, que contemple o crescimento cognitivo e emocional dos educandos e das educandas, o próprio crescimento profissional do educador e da educadora. Tal prática consiste em significativa aprendizagem de formação. Não é uma tarefa para a qual o estudante de licenciatura e o professorado recebe ou recebeu preparo para realizar. Sendo assim, reconhecemos que a Educação Popular e o Teatro do Oprimido é um caminho de possibilidades se for bem articulado com o projeto educativo desenvolvido pelo docente e poderá contribuir para a formação estudantes mais engajados no seu aprendizado como um todo. Segundo Veiga e Viana, o que se deseja, de fato, é:

Um professor com capacidade crítica e inovadora, capaz de participar dos processos de tomada de decisão, de produção, de conhecimento, de participação coletiva, consciente do significado da educação. Enfim, que seja um profissional formado para compreender o contexto social no qual se efetivará sua atividade docente. (VEIGA; VIANA, 2012, p. 26).

A formação em discussão corresponde àquela em que os professores e as professoras sejam os pesquisadores de sua prática, com a finalidade de buscar as respostas para problemas com que deparam. Assim, poderá apontar caminhos que resolvam as problemáticas, como explica Alonso (2003, p. 16), ao afirmar: “Trata-se de um trabalho complexo para o qual, via de regra, o docente não está preparado, necessitando, pois, de ajuda, orientação e, mais do que tudo, estímulo e cooperação.” Apesar do acúmulo de atividades e da precariedade do trabalho docente enfrentada no país em todos os níveis, observou-se que, durante o tempo destinado ao magistério, determinados conhecimentos trabalhados de forma significativa, criativa e interdisciplinar são fundamentais para a formação de pessoas mais comprometidas, politizadas e abertas às novas aprendizagens ao longo da vida

É nessa perspectiva que indagamos: como formar docentes para um mundo em constante mudança, que vivenciam variados conflitos, envolvendo as condições de vida de seus estudantes e as próprias? Entendemos que o trabalho do coletivo favorece novos olhares e a construção de conhecimento para todos os envolvidos; e o trabalho com o a Educação Popular e o Teatro do Oprimido é fundamental para pensarmos em nossos problemas coletivamente. Vejamos algumas ideias que seguem sobre tais questões.

## **A formação de professores e professoras na contemporaneidade: alternativas e possibilidades por meio da Educação Popular e do Teatro do Oprimido**

O mundo atual vive um intenso paradoxo. Como manter os valores necessários para uma sociedade ética e ao mesmo tempo acompanhar as mudanças do mundo que vive uma velocidade assombrosa de transformações. Nesse sentido, o contexto educacional precisa estar preparado para lidar com as polêmicas resultantes desse modelo de desenvolvimento, fazendo constantes questionamentos políticos e epistemológicos diante dos progressos, melhorias, assim como de seus efeitos negativos ou inesperados. Japiassu argumenta:

A epistemologia crítica, pois, tem por objetivo essencial interrogar-se sobre a responsabilidade social dos cientistas e dos técnicos. Esta interrogação torna-se hoje uma das questões cruciais de nossa cultura. E foram os próprios cientistas que, em primeiro lugar, colocaram este problema. (JAPIASSU, 1934, p. 82).

O processo de globalização capitalista carrega um modelo que atende às determinações do mercado. Ao se analisar a conjuntura, percebe-se, claramente, que a educação, por um lado, está em conflito e em crise por não conseguir atender às imposições do mercado; por outro, não consegue dar continuidade aos seus primeiros passos de real proposta de formação das camadas populares presentes em massa nas redes públicas de ensino do país. A educação tornou-se uma verdadeira mercadoria presa a um jogo de cabo de força, que ora tenta libertar-se para atender aos que dela necessitam, ora é vencida pelos obstáculos que desestimulam e enfraquecem seus objetivos sociais em prol da lógica do mercado.

De que modo licenciados, professores e professoras e educadores em geral vão posicionar-se diante de tais exigências? Que mudanças seriam necessárias nas práticas docentes do professorado da educação básica? Qual delas pode (re)pensar novas formas de encarar o processo de escolarização das crianças, jovens e adultos e, ao mesmo tempo, pode fazer crítica ao *status quo* de sua realidade? O processo inicial de formação docente tende a atender às normas e exigências determinadas pelo Estado e pelo mercado, com forte caráter neoliberal, fato que tornou a formação docente um processo rápido ou descontextualizado, tendo como metodologia predominante a forma mecânica de transmissão de conhecimento, com a finalidade de treinar os educandos para serem cumpridores de metas previamente definidas, carregados de ações alienantes que geram, no fim, a manutenção do sistema.

Esse modelo de formação alinhado aos interesses do mercado dificilmente permitirá o desenvolvimento dos professores e das professoras, e, conseqüentemente, o da escola

brasileira, como apontam várias pesquisas sobre o tema. Se o consentimento continuar, as ações da docência poderão ser substituídas pelas novas tecnologias da comunicação, o que, de fato, já ocorre e preocupa, como citam Veiga e Viana (2012, p.18): “tudo se passa como se a realidade pudesse ser compartimentada ou como se os problemas surgidos pudessem ser identificados como um rótulo que indicasse o componente curricular que poderia ser responsável para a sua solução.” Esse preocupante diagnóstico compromete não apenas o papel educativo do professor e da professora, mas também o social e o político, além de aumentar o distanciamento da profissão das demandas sociais. Ainda assim, existe a possibilidade de uma formação emancipatória, reflexiva e transformadora.

De posse dessa premissa, entendemos que, inicialmente, é necessário explicar que o processo formativo de docentes precisa ser desenvolvido depois da tomada de consciência de sua fundamentação, seus princípios, sua história e motivações para mudanças. Como expõem Veiga e Viana (2012, p. 20, grifo das autoras), “desse ponto de vista, a *formação* é contínua, vinculada à história de vida dos sujeitos em permanente processo de formação, que proporciona a preparação para vida pessoal e profissional”, ou seja, é considerada um significativo desenvolvimento humano, o qual se inicia em certo momento; será desenvolvido de acordo com as necessidades diante das transformações que a humanidade vivencia, necessitará de mais aprendizagem, buscas e inovações. Por isso, nunca terá um fim. Em complemento a essa perspectiva, Veiga e Viana (2012) consideram importante na conjuntura de inovação pedagógica, qual seja compreender o contexto social para o qual a educação está voltada. O objetivo da provocação é incentivar o professorado para que pensem, questionem, pesquisem sobre suas respostas sempre, pois há sucessivas transformações e de busca de outras ações que até então não tenham sido desenvolvidas como práticas no cotidiano educativo.

É importante dizer que um dos melhores caminhos é a possibilidade de unir o conhecimento científico aos saberes populares e à arte. A ludicidade e a estética estão relacionadas com o princípio da afetividade. A experiência estética favorece a imaginação, clarifica e organiza a intuição, a percepção e a sensibilidade, desenvolvendo na pessoa a capacidade de se colocar no lugar do outro (RABÊLLO, 2009). Todos esses elementos são fundamentais para viver na sociedade atual. Nessa perspectiva, o estético precisa perpassar todo o trabalho educativo despertando a criticidade, ora a sensibilidade, ora o despertar para novos olhares em relação ao mundo em que vivemos.

O intuito do trabalho é que a estética seja uma mola propulsora para favorecer a relação teoria-prática e a crítica à realidade em que estamos inseridos. Assim, a estética é



pensada como espaço de reinvenção do ser humano, ou seja, ela é o lócus de partida e de chegada para questionar o *status quo*. De acordo com Revel (2005, p. 44), “o tema da estética da existência como produção inventiva a si mesmo não marca, entretanto, um retorno à figura do sujeito soberano” apolítico. Faz-se desse sujeito uma pessoa que não é apenas assujeitada, e sim um ser resistente, portanto um ser humano eminentemente político. É possível dizer que, apesar de todo o controle da sociedade, o ser é capaz de fazer da sua vida uma obra de arte (REVEL, 2005). É possível dizer que vivemos um mundo oficial dos sistemas que impõem modelos e o mundo o mundo vivido – o real que promove ambiguidades e ao mesmo tempo oportunidades de repensar a vida.

Freire (1996) há muito tempo nos alerta que ensinar não é transferir conhecimento. Para ele, é preciso estarmos abertos à curiosidade dos educandos e educandas instigando-os a pensar e a questionar o mundo em que vivemos.

### **Caminho teórico-metodológico**

No primeiro momento do trabalho, foram realizados estudos no campo da educação popular e do Teatro do Oprimido com a coordenação, colaboradores internos e externos, estudante bolsista e estudantes que estejam colaborando realizando um plano de atividades e de envolvimento construindo um portfólio de todo processo vivenciado. No dizer de Rodrigues (2012):

Trata-se de estratégia de avaliação visando que os alunos participem da formulação dos objetivos de sua aprendizagem e avaliem seu progresso. Eles são, portanto, participantes ativos da avaliação, selecionando as melhores amostras de seu trabalho para incluí-las no portfólio. Esta estratégia se insere na perspectiva da avaliação formativa definida como aquela que permite a avaliação não só do aluno, mas do professor e também da escola; esta estratégia propõe abandonar a avaliação unilateral, classificatória, punitiva e excludente comprometendo-se com o sucesso e a aprendizagem dos alunos. (RODRIGUES, 2012, p. 781).

Depois de um período de três meses, estamos realizando a formação com o intuito de repensar a educação por meio de práticas curriculares teóricas e práticas na perspectiva da Educação popular e Teatro do Oprimido. A avaliação dos participantes do curso será também por meio de conversas diárias. Após essa fase, vivenciaremos as produções de artigos e a escrita dos relatórios finais; assim teremos como objetivo discutir a educação por meio da Educação Popular e do Teatro do Oprimido com o intuito de transformar a nossa prática

pedagógica, fomentando estudos sobre Educação Popular e o Teatro do Oprimido, estabelecendo caminhos para repensar na educação escolar mediante a realidade educacional que vivemos. Estabelecer um diálogo com os licenciados no sentido de repensar a educação e o que podemos fazer para melhorar as relações humanas e o processo de ensino e aprendizagem, relatar o trabalho por meio de um *blog* estabelecendo diálogo com diversos agentes sociais, produzir e publicar artigos em eventos e em revistas especializadas.

Metodologicamente, estamos alinhados aos Estudos Culturais. É possível dizer que os Estudos Culturais “concebem a cultura como campo de luta em torno da significação social” (SILVA, 2002, p. 133). Ademais, na perspectiva dos Estudos Culturais, a educação não pode ser compreendida sem que se entendam as relações de poder envolvidas na construção do conhecimento. Indagações do tipo: por que esse conhecimento e não outro? Por que determinados saberes são silenciados? São ideias presentes nos Estudos Culturais que estão vinculadas à dimensão política de análise da sociedade e da escola.

Nessa perspectiva, em relação ao Teatro do Oprimido na condição de expressão artística, tem o poder de orientar, conduzir ideias e propor alternativas no mundo. Além da arte cênica, o teatro promove a formação de sujeitos sociais que buscam alternativas para os problemas em que vivemos (CARTAXO, 2005). Trazer as vivências do saberes da Educação Popular com o Teatro do Oprimido é repensar em muito o nosso processo educacional em diferentes esferas. Como afirma Dall’Orto (2008, p. 1): “O teatro é uma arte coletiva, como tal precisa estabelecer uma relação entre pessoas que praticam e quem assiste. Trata-se de um teatro que possa dar conta de uma situação precisa, no universo das relações sociais.” Nessa perspectiva, o Teatro do Oprimido trabalha com as relações de poderes que perpassam a nossa sociedade. Sabemos que é importante estimular as pessoas a terem um posicionamento crítico e reflexivo diante do mundo.

A Educação Popular e o Teatro do Oprimido associam as educações vivenciadas pelos sujeitos às experiências de vida, ao trabalho, à política, problematizando as questões do mundo. Trazendo os saberes do cotidiano e confrontando com os saberes científicos contrapondo-se a uma educação de cima para baixo em que os conteúdos são impostos de maneira mecânica. Nosso desafio na qualidade de educador e educadora é unir o conhecimento científico com experiências que possam reeducar nosso corpo, nossa forma de pensar no mundo e na sociedade brasileira.

Em relação à formação de modo geral, seguimos as seguintes estratégias:

- aula expositiva dialogada; oficinas pedagógicas; estudos de textos, uso de técnicas do Teatro do Oprimido e das experiências com a educação popular.
- encontros semanais, de julho a outubro (ou até completar as 40 horas do curso de formação), com turmas de licenciados do curso de Pedagogia.

A avaliação do curso será por meio da construção de um amplo debate. Cada um se posiciona de forma criativa e reflexiva, apresentando também as dificuldades vivenciadas ao longo do trabalho. Trata-se de estratégia de avaliação visando que os educandos e educandas participem da formulação dos objetivos de sua aprendizagem e avaliem seu progresso.

### **Discussões/Resultados**

Diferentemente de uma educação tão somente abstrata que discorre sobre sujeitos neutros, apolíticos, que estão apenas exercendo atividades sem sentido, o objetivo do trabalho é instigar os docentes, licenciados e outros educadores, de maneira em geral, à educação como espaço de emancipação, de riqueza e de construção de uma sociedade em que as pessoas sejam valorizadas como seres humanos em sua plenitude e a aprendizagem ocorra de fato de maneira significativa. Do ponto de vista estético, utilizamos os saberes da Educação Popular e do Teatro do Oprimido por meio de diversas linguagens para instigar os participantes do curso a repensarem a sua prática. A educação pautada nessa perspectiva não pode tomar o processo de ensino-aprendizagem como algo apenas cognitivo, mecânico e abstrato.

A formação docente precisa questionar o modelo educativo que temos, pois esse não preenche mais as demandas de uma sociedade que vive em constante transformação, permeada por conflitos diversos, carecendo de debates políticos consistentes. É imperioso pensar em uma formação em que teoria e prática caminhem juntas, instigando os sujeitos a olhar para si, para o outro e para o mundo. Ao término das vivências e de todo processo de planejamento, espera-se contribuir para pensar em um mundo com novas possibilidades da atuação. Os grupos que têm participado dos encontros consideram o trabalho rico, e é possível pensar em outro modelo educativo mesmo diante das inúmeras dificuldades que surgem em nosso cotidiano.

## Referências

ALONSO, Myrtes. Formar professores para uma nova escola. In: QUELUZ, Ana Gracinda; ALONSO, Myrtes (Org.). **O trabalho docente**: teoria e prática. 2. ed. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2003. p. 9-18.

CARTAXO, Carlos. **Teatro de atitudes**. João Pessoa: Sal da Terra, 2005.

DALL'ORTO, Felipe Campo. O teatro do oprimido na formação da cidadania. **Fênix**: Revista de História e Estudos Culturais, Uberlândia, ano 5. v. 5, n. 2, p. 1-16, abr./maio/jun. 2008.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

JAPIASSU, Hilton Ferreira. **Introdução ao pensamento epistemológico**. Rio de Janeiro: F. Alves, 1934.

RABÊLLO, Roberto Sanches. Reflexões sobre arte e ludicidade na formação e na atuação docentes: princípios e articulação. In: ÁVILA, Cristina Maria de; VEIGA, Ilma Passos Alencastro. **Didática e docência na educação superior**: implicações para a formação de professores. Campinas: Papyrus, 2009.

REVEL, Judith. **Foucault**: conceitos essenciais. São Carlos: Claraluz, 2005.

RODRIGUES, Rosa Maria. Relato de experiência na utilização do portfólio na graduação em enfermagem. **Revista Cogitare Enfermagem**, Curitiba, v. 17, n. 4, p. 779-783, out./dez. 2012.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Documentos de identidades**: uma introdução às teorias críticas. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

VEIGA, Ilma Passos Alencastro; VIANA, Cleide Maria Quevedo Quixadá. Formação de professores: um campo de possibilidades inovadoras. In: VEIGA, Ilma Passos Alencastro; SILVA, Edileuza Fernandes da Silva (Org.). **A escola mudou**: que mude a formação de professores. 3. ed. Campinas: Papyrus, 2012. p.13-34.